

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES- CCECA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JANAÍNA BRITO DOS SANTOS

**CURRÍCULO E TEORIA QUEER: UM APRENDIZADO ATRAVÉS DAS
DIFERENÇAS**

TERESINA- PI

2018

JANAÍNA BRITO DOS SANTOS

**CURRÍCULO E TEORIA QUEER: UM APRENDIZADO ATRAVÉS DAS
DIFERENÇAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual do Piauí- UESPI, como requisito para obtenção do título de licenciatura em pedagogia.

Orientação

Prof. Dr. Robson Carlos da Silva

TERESINA- PI

2018

JANAÍNA BRITO DOS SANTOS

CURRÍCULO E TEORIA QUEER: UM APRENDIZADO ATRAVÉS DAS DIFERENÇAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual do Piauí- UESPI, como requisito para obtenção do título de licenciatura em pedagogia.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robson Carlos da Silva
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Prof. Msc. Cândida Angélica Pereira Moura
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Prof. Maria do Socorro da Costa Machado
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

DEDICATÓRIA

A Deus que em sua infinita bondade, me deu a graça de produzir cada linha e aos meus pais que sempre acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por me guiar ao longo desta caminhada, aos meus pais João Rodrigues e Sandra Maria por acreditarem que eu seria capaz e por estarem ao meu lado sempre que precisei, ao meu companheiro Arlindo, que desde o princípio esteve ao meu lado me apoiando incondicionalmente com a sua paciência e companheirismo, ao meu irmão João Ricardo que mesmo com o seu jeito me incentivou.

Ao meu orientador Dr. Robson Carlos da Silva, que com seu jeito único de ser me ajudou na produção deste trabalho.

A família UESPI, por ter dividido comigo momentos divertidos e emocionantes e a todos os professores que deixaram suas contribuições acadêmicas para minha vida profissional.

Enfim agradeço a todos que direto ou indiretamente me ajudaram nesta longa trajetória.

EPÍGRAFE

“Lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem

“Lutar pela diferença sempre que a igualdade nos descaracterize”

(Boaventura de Sousa Santos)

RESUMO

O trabalho teve como objetivo compreender como ocorre a abordagem acerca da Teoria *queer* no currículo da escola pública de Teresina Liceu Piauiense. O problema da pesquisa versou sobre “Como são abordadas no currículo da escola pública de Teresina Liceu Piauiense, as questões referentes à Teoria *queer*?” Utilizamos como universo da pesquisa a Escola Estadual Zacarias de Góis conhecida popularmente como Liceu Piauiense localizado nesta capital, tendo como critério de escolha se tratar de um colégio público de significativa relevância, histórica, social e educacional da cidade, assim como o contato e a disposição de alunos que se encaixam no perfil *queer*. Para tanto realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, por meio de uma pesquisa de campo, utilizando como instrumentos de obtenção e produção de dados o questionário aplicado aos alunos e a entrevista semi-estruturada com os professores da referida escola. Fundamentamos nossas análises em alguns teóricos que desenvolvem seus estudos na mesma temática, tais como Silva (2004, 2010), Louro (1999, 2004), Pacheco (2005), dentre outros. Os resultados obtidos com as análises demonstram que a escola aborda os diversos pontos de vistas, valores e crenças existentes na sociedade no intuito de auxiliar o aluno a construir um ponto de auto referência por meio da reflexão. A pesquisa indica ainda que precisamos problematizar nossas fobias para desconstruir aquilo que nos produz medo e nos normaliza.

Palavras-chave: Currículo, educação, sexualidade, Teoria *queer*.

ABSTRACT

The work had as objective understands how it happens the approach concerning the Theory queer in curriculum of the public school of Teresina- PI School piauiense. The problem of the research turn on “ As they are approached in the curriculum of the public school of Teresina- PI School piauiense, the subjects regarding the Theory queer”? We used as universe of the research the state school Zacarias de Góis popularly as School piauiense located in this capital tends as choice criterion in she treats of a public school of significant relevance historical, social and education of the city, as well as the contact and the students disposition that are fit in the profile queer. For much we accomplished a research of qualitative nature, tough a field research, using as instruments of obtaining of data the applied questionnaire to the students and the interview with teachers of the referred school. We based our analyses in some theoretical ones that they develop their studies in the same theme, such as Silva (2004, 2010), Louro (1999, 2004), Pacheco (2005), among others. The results obtained with the analyses demonstrate that the school approaches the several point of view, values and faiths in the society in the intention of aiding the student to build a point of solemnity reference through the reflection. The research indicates although we needed to problematize our proteins for desconstruir that produces us fear and it normalize us.

Keywords: Curriculum; Education; Sexuality; Theory queer

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BASE TEÓRICA E CONCEITUAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	13
2.1 Currículo: campo de contestação, conflito e disputa	13
2.1.1 Orientação Sexual como tema transversal	16
2.2 Teoria <i>Queer</i> a diferença que desafia a escola	19
2.3 O currículo e a Teoria <i>Queer</i> como uma contribuição para a construção histórico-cultural	22
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
3.1 Tipo de pesquisa	25
3.2 Sujeitos e o campo da pesquisa	26
3.4 Instrumentos para produção de dados	27
4 ANÁLISANDO E DISCUTINDO OS DADOS	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
6 REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	46

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de se discutir a temática da sexualidade e de gênero no currículo das escolas brasileiras vem se intensificando cada vez mais, talvez em função das mudanças comportamentais dos jovens nos últimos anos e de movimentos que defendem esse tipo de discussão.

A escola ao escolher trabalhar essa temática deve definir os princípios que determinarão desde a postura diante das questões relacionadas à sexualidade e ao gênero e suas manifestações na escola, até a escolha dos conteúdos a serem trabalhados com os alunos.

Conforme os PCNs, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referências por meio da reflexão. Esse tipo de trabalho se faz problematizando, questionando e ampliando o leque de conhecimento e de opções.

O currículo dessa forma transforma-se em multicultural não apenas pela inclusão de informações sobre outras culturas e identidades, mas por aceitar as diferenças como uma questão histórica e política. Através do currículo podemos desconstruir certos conceitos e questionar por que e como os valores de certos grupos foram menosprezados no desenvolvimento cultural e histórico da humanidade.

A teoria *queer* apresentada por Silva (2007) como uma teoria pós-crítica aborda a questão da identidade sexual como uma construção social, assim como a de gênero. Acreditamos que a partir dos referenciais da pedagogia *queer*, teremos a possibilidade de construirmos novas concepções pedagógicas cujos propósitos sejam a crítica aos discursos normalizadores relacionados ao corpo, gênero, sexualidade e identidade.

Nesse sentido, a Pedagogia *queer* enquanto conteúdo curricular surge e se propõe a estimular o conhecimento sobre as identidades da sexualidade e suas diversidades, algo que está presente nas escolas, mas que raramente entra em discussão, tendo como finalidade nos ensinar a conviver melhor com as contradições, as incertezas, os paradoxos e as multiplicidades. Com isso a

pedagogia *queer* pode se constituir em uma importante interlocutora no contexto contemporâneo, contexto este no qual nossas concepções sobre as diversas identidades, sobre sujeito pedagógico, sobre os métodos de ensino aprendizagem dentre outros parecem estar em crise.

Identificando essa importância e significância educacional, surgiu a inquietação de investigar como o currículo escolar aborda esse tipo de temática. Nesse sentido levantamos o seguinte problema de pesquisa Como são abordados, no currículo da escola pública de Teresina Liceu Piauiense, questões referentes a Teoria *queer*? Assim sendo, o objetivo central da pesquisa foi compreender como ocorre a abordagem acerca da teoria *queer* no currículo da escola pública de Teresina Liceu Piauiense.

Para tal verificamos a existência no currículo analisado, a inserção de estudos acerca da sexualidade e questões de gênero, identificou-se e analisou-se o conhecimento que professores e alunos da escola investigada possuíam sobre a teoria *queer*, foi realizado um levantamento dos casos dos preconceitos ocorridos nos últimos anos na escola investigada com relação às diferenças sexuais e, por fim, registramos a opinião dos alunos e professores perante o tema da pesquisa.

Para responder ao problema da pesquisa e atender ao objetivo central optamos pelo trabalho com o método qualitativo, desenvolvendo uma pesquisa de campo na escola Zacarias de Góis conhecida popularmente como Liceu Piauiense, localizada na cidade de Teresina em que tivemos como sujeitos alunos e professores e como instrumentos para produção de dados as entrevistas e os questionários, além das observações.

O questionário foi aplicado a 6 alunos (3 gays, 1 lésbica, 1 bissexual e 1 heterossexual) e as entrevistas a 3 professores (Sociologia, Filosofia e Educação Física) através de um roteiro com questões abertas, proporcionando a cada entrevistado espaço para se colocar livremente e expor suas compreensões, a partir do qual foram feitas transcrições das oralidades para textos escritos, no sentido de analisar as respostas que buscamos acerca do problema levantado.

Tivemos como base teórica Silva (2004, 2010), Louro (1999,2004), Pacheco (2005), Costa (2001), Andrade (2009) entre outros autores.

O trabalho monográfico está organizado em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo fazemos uma revisão bibliográfica situando o currículo como campo de contestação, conflito e disputa, a teoria *queer* sendo a diferença que desafia a escola e os dois interligados como uma contribuição para a construção histórico-social.

O capítulo dois apresenta o caminho metodológico percorrido, enquanto o terceiro culmina o trabalho discorrendo sobre os achados da pesquisa e análises desses achados conduzindo aos nossos resultados, exposto como considerações finais do estudo na última parte do texto.

2 BASE TEÓRICA E CONCEITUAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Os estudos aprofundados na pesquisa tiveram como base as concepções ligadas ao currículo, bem como a teoria da pedagogia *queer* e a relação entre ambos relacionando o contexto histórico de cada um com as principais discussões ocorridas nos últimos anos.

2.1 CURRÍCULO: CAMPO DE CONTESTAÇÃO, CONFLITO E DISPUTA

As discussões sobre currículo vêm assumindo importância e ocupando espaço no campo das pesquisas em educação, todos estão preocupados, embora com distintas ênfases e objetivos, em examinar e compreender a forma como opera o processo de escolarização, entretanto estão ocorrendo grandes transformações em nossas maneiras de pensar e de conviver o que quer dizer que devemos ampliar expandir e diversificar nossas perspectivas de análises e reflexões.

Existem várias definições para o termo “currículo”, que derivam dos diversos modos de como a educação é concebida historicamente, podemos afirmar que em sentido amplo, ele abrange todas as experiências de aprendizagem planejadas e implementadas pelas escolas a serem vivenciadas pelos estudantes, já em sentido restrito equivale aos conteúdos a serem ensinados e aprendidos e aos planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais que indicam os objetivos a serem alcançados através do processo de ensino e os processos de avaliação que terminam influenciando nos conteúdos e nos procedimentos metodológicos selecionados nos diferentes níveis de ensino.

Segundo Pacheco (2005), o desenvolvimento curricular pode ser caracterizado por três aspectos: processo interpessoal, processo social e processo de colaboração e cooperação. Diante da idéia apresentada percebemos que o desenvolvimento curricular é um processo complexo e dinâmico que equivale a uma tomada de decisão de modo a estabelecer-se na base de princípios concretos.

As discussões curriculares envolvem os temas relativos aos conhecimentos escolares, aos procedimentos pedagógicos, às relações sociais, aos valores que a escola recomenda e às identidades dos alunos. Através disso fica evidente que o conceito de currículo sempre estará ligado com algum tipo de poder, pois não existe neutralidade no currículo ele é o veículo da ideologia, da filosofia e da intencionalidade educacional.

Sendo assim, para Silva (1996, p. 23):

O currículo é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma currículo poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais.

Neste sentido, entendemos o currículo como campo político-pedagógico no qual as diversas relações entre os sujeitos, conhecimento e realidade constroem novos saberes e reconstróem-se a partir dos saberes produzidos.

O pensamento curricular ao longo da história da educação foi fortemente marcado pela linearidade das teorias sócio-filosóficas que embasaram as construções teóricas do pensamento burguês, surgindo então, as chamadas teorias do currículo. Nessa perspectiva Silva (2005) apresenta as teorias do currículo na qual se caracterizam pelos conceitos que enfatizam. São elas:

- Teorias tradicionais- são consideradas neutras, científicas, tendo como principal objetivo formar o trabalhador especializado ou proporcionar uma educação geral, acadêmicas à população. O papel do currículo é orientar a ação educativa para os elementos essenciais da cultura e para a aquisição de habilidades intelectuais. Ela propõe que:

O desenvolvimento do currículo deve responder a quatro questões básicas: que objetivos educacionais deve a escola procurar atingir; que experiências educacionais podem ser oferecidas que tenham probabilidade de alcançar esses propósitos; como organizar eficientemente essas experiências profissionais e como podemos ter certeza de que esses objetivos estão sendo alcançados. (SILVA, 2003, p.25)

- Teorias críticas – Argumentam que não existem teorias neutras científicas e desinteressadas, toda e qualquer teoria está implícita nas relações de poder.

As teorias críticas desconfiam do status *quo* responsabilizando-o pelas desigualdades e injustiças sociais [...] As teorias críticas são teorias de desconfiança questionamento e transformação radical. Para as teorias críticas o importante não é desenvolver técnicas de como fazer o currículo, mas desenvolver conceitos que nos permitam compreender o que o currículo faz (SILVA, 2007, p.30).

As teorias críticas, ao deslocar a ênfase dos conceitos simplesmente pedagógicos de ensino e aprendizagem para os conceitos de ideologia e poder, nos permite ver a educação de uma nova perspectiva.

Entre as teorias críticas encontramos o currículo oculto, como sendo aquele que não está presente no currículo escolar, porém encontra-se presente através das relações sociais da escola, equivale aos comportamentos, os valores e as atitudes que estão presentes na aprendizagem.

Para as teorias críticas, estas ações geralmente ensinam o conformismo, a obediência e o individualismo, ou seja, comportamentos que mantêm a ideologia dominante [...] É necessário desocultar o currículo para perceber o que envolve estas práticas e estes conhecimentos. Devemos perceber o que está por trás dessas atitudes para podermos modificá-las dando-lhes novos objetivos (HORNBERG; SILVA, 2007, p.4).

Os estudiosos do campo do currículo orientados pelos fundamentos das teorias críticas deslocam o eixo da reflexão das questões pedagógicas e de aprendizagem, para a busca entre conexão entre saber, currículo, ideologia e poder.

- Teorias pós-críticas- São questionadas por ignorarem outras dimensões no processo de produção e reprodução das desigualdades que não fossem aquelas ligadas à classe social, como o gênero, etnia, sexualidade e raça. Diante de sua importância, essas questões estão sendo problematizadas dentro do currículo a partir de análises pós-estruturalistas e dos estudos culturais.

As relações de gênero são muito presentes nas teorias pós-críticas. Sabemos que a teorização crítica sobre educação e currículo se concentrou na análise da dinâmica de classe no processo de reprodução cultural da desigualdade e das relações hierárquicas na sociedade capitalista. Esse contexto contribuiu para que o currículo oficial refletisse e reproduzisse uma sociedade masculina, valorizando a “separação entre sujeito e conhecimento, o domínio e o controle, a racionalidade e a lógica, a ciência e a técnica, o individualismo e a competição” (SILVA, 2007 p. 94).

O currículo “fala” de alguns sujeitos e ignoram outros, as teorias trazem a voz daqueles que se auto-atribuíam a capacidade de eleger as perguntas e construir as respostas que, supostamente são de interesse de toda a sociedade.

2.1.1 ORIENTAÇÃO SEXUAL COMO TEMA TRANVERSAL

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio vem se intensificando desde a década de 70 provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade.

A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou em virtude da preocupação dos educadores com o grande crescimento da incidência de gravidez indesejada entre os adolescentes e com risco da infecção pelo HIV (Vírus da Aids). Inicialmente as famílias apresentavam uma certa resistência quanto a abordagem dessas questões no âmbito escolar, porém atualmente são os pais que reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para as crianças e os jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre o assunto em casa.

Nos PCNs, a orientação sexual é entendida como sendo de caráter informativo, o que está vinculado a visão de sexualidade que perpassa o

documento. A sexualidade é concebida como um dado da natureza, como “algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida”. Fala-se em “necessidade básica”, “em potencialidade erótica do corpo”, “em impulsos de desejo vividos no corpo” sobre o que sujeitos os sujeitos, principalmente, os adolescentes precisam ser informados. Cito a seguir alguns trechos.

A partir da puberdade e das transformações hormonais ocorridas no corpo de meninos e meninas, é comum a curiosidade e o desejo da experimentação erótica a dois (BRASIL 1998, p.319).

É a partir da puberdade que a potencialidade erótica do corpo se manifesta sob a primazia da região genital, expressando-se na busca do prazer (BRASIL 1998, p. 320)

No trabalho com crianças, os conteúdos devem também favorecer a compreensão de que o ato sexual, assim como as carícias genitais são manifestações pertinentes à sexualidade de jovens e de adultos, não de crianças. Os jogos sexuais infantis têm caráter exploratório, pré genital (BRASIL 1998, p. 303)

Há nestes trechos, indicativos normalizadores da sexualidade ela é vista como algo atrelada às funções hormonais, já questões relacionadas às experimentações eróticas, à curiosidade e ao desejo, são consideradas comuns quando a dois. De maneira geral, o trabalho de Orientação sexual visa desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos, afirmando-a como algo ligado ao prazer e à vida.

Os PCNs tratam sobre como educar o corpo, defendem que essa educação deve ocorrer a partir de um incentivo ao discurso sobre o sexo na escola, neste caso os alunos são instigados a falar através de uma metodologia participativa que conforme os PCNs

Envolve o lidar com dinâmicas grupais,, a aplicação de técnicas de sensibilização e facilitação dos debates, a utilização de materiais didáticos que problematizem possibilitando a discussão dos valores (sociais e particulares) associados a cada temática da sexualidade(BRASIL 1998, p.331)

Através dos discursos sobre sexualidade nas escolas, é possível propiciar um aumento do controle e da possibilidade de intervenção sobre as ações dos indivíduos. Foucault afirma proibições fazem parte de uma economia discursiva mais ampla que visa à constituição de uma aparelhagem para produzir discursos

sobre o sexo, os quais passaram a ser essenciais para o funcionamento de mecanismos de poder.

Cumprir falar de sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas administra-se (FOUCAULT, 1997 p.27).

O poder como mostra Foucault é um conjunto de ações sobre ações possíveis, o exercício do poder consiste em “conduzir condutas”, em governar, ou seja, estruturar o campo de ação dos outros, a intenção é que os alunos incorporem a mentalidade preventiva e a pratiquem sempre.

O fato é que a Orientação sexual é um estudo que engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças valores e expressões culturais, pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda estabelecidos no contexto sociocultural brasileiro.

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias, ignorar, ocultar ou reprimir são respostas comuns dadas por profissionais da escola, baseada na idéia de que a sexualidade é assunto para ser lidado apenas pela família.

O estudo da sexualidade está estreitamente ligado a valores e reúne contribuições de diversas áreas, com Educação, Psicologia, Antropologia, História, Sociologia, Biologia, Medicina entre outras. Assim como a inteligência, a sexualidade será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura, portanto para trabalhar esse tema temos que considerar todas as dimensões da sexualidade: a biológica, a psíquica e a sociocultural.

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes, ela entra na escola através das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles, cabe a escola desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa.

Para trabalhar esse tema nas escolas os professores precisam se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões

de forma direta e esclarecedora, assim estará informando, problematizando e debatendo os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando não a isenção total, o que é impossível, mas um maior distanciamento das opiniões e aspectos pessoais dos professores para empreender essa tarefa, isso porque na relação professor-aluno o professor ocupa um lugar de maior poder, constituindo-se em referência muito importante para o aluno.

O trabalho de Orientação Sexual compreende a ação da escola como complementar a educação dada pela família, no diálogo entre escola e família pretende-se que a sexualidade deixe de ser tabu e ao ser objeto de discussão na escola possibilite a troca de idéias entre a mesma e as famílias.

2.2 TEORIA *QUEER*: A DIFERENÇA QUE DESAFIA A ESCOLA

Historicamente, a expressão “teoria *queer*” foi usada pela primeira vez por Teresa LaRetis, em 1991. Ela empregou tal expressão na tentativa de juntar as muitas pesquisas sobre a questão homossexual que se encontravam dispersas. Assim, aquilo que surge primeiramente como um movimento de luta política, o “movimento *queer*”, transforma-se, também, numa corrente teórica, a “teoria *queer*”. Esta se destaca, sobretudo, por repensar as categorias de normal e de anormal, questionando sempre o modelo heterossexista como o determinante das relações humanas.

Com isso pesquisadores que estudavam os conceitos de sexualidade e gênero encontraram instrumentos para pensar um novo campo de estudos que pudesse ser a alternativa aos referenciais identitários semelhantes aos da teoria feminista e dos estudos gays e lésbicos nas universidades americanas, ou seja, pesquisadores da área educacional começaram a utilizar conceitos produzidos por essa teoria no intuito de pensar novas estratégias pedagógicas que sejam não-normativas.

A teoria *queer*, se consolida como corrente intelectual, tendo como uma das fontes filosóficas principais as reflexões de Michel Foucault sobre a sexualidade.

A grande resistência política na modernidade talvez “não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos [...] Temos que promover novas formas de subjetividade, através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há séculos” (FOUCAULT, 1995, p.239 apud. DINIZ 2013).

As contribuições de Foucault, ao desnaturalizar o conceito de sexualidade por entendê-la como um dispositivo produzido por redes de saber e poder, possibilitaram o fortalecimento das discussões sobre conceito de gênero entre as teorias feministas.

Outras de suas fontes importantes foram os trabalhos sobre gênero de Judith Butler e as pesquisas de Eve Sedgwick, pensadoras que interpretam a homossexualidade e a heterossexualidade como construções históricas e sociais, logo, como noções que podem e devem ser repensadas e modificadas. Nesse sentido, a teoria *queer* desenvolveu uma crítica contundente contra as premissas naturalizantes usadas pelo conservadorismo para justificar e legitimar a discriminação e a heteronormatividade. Vale assinalar que a teoria *queer* não se resume a uma luta ligada à sexualidade; ela se volta também para um combate contra falsos valores que são usados como justificativas para a discriminação. Trata-se de uma luta que envolve não apenas gays e sim todos os que são vistos como impossibilitados de fazerem parte da escala da normalidade.

A pesquisadora Guacira Lopes Louro tem sido no Brasil a principal articuladora desses esforços em pensar nas contribuições da teoria *queer* para a área educacional. Ela também circunscreve algumas das principais inquietações para pensar uma pedagogia *queer*:

Como um movimento que se remete ao estranho e ao excêntrico pode articular-se com a educação, tradicionalmente o espaço de normalização e do questionamento? Como uma teoria não-propositiva pode “falar” a um campo que vive de projetos e de programar, de intenções, objetivos e planos de ação? Qual o espaço nesse campo usualmente voltado ao disciplinamento e à regra, para a transgressão e para a contestação? Como romper com binarismo e pensar a sexualidade, os gêneros e os corpos de uma forma plural, múltipla e cambiante? Como traduzir a teoria *queer* para a prática pedagógica? (LOURO, 2004, p.47).

O termo *queer* além de ter sido utilizado para se referir às pessoas homossexuais, sobretudo do sexo masculino, significa também “estranho”, “esquisito”, “incomum”, “fora do normal”.

Para Louro, a importância do conceito de gênero se afirma, pois:

obriga aqueles que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-se proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnica, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p .23).

O conceito de gênero foi criado para enfatizar o fato de que as identidades masculinas e femininas são histórica e socialmente produzidas. Tal como ocorre com a identidade de gênero, a identidade sexual não é definida pela biologia, ela é dependente da significação que lhe é dada, ela é uma construção social e cultural.

A teoria *queer* argumenta que a identidade não é uma positividade e sim uma relação, a definição da minha identidade depende sempre da identidade do outro.

Para Silva (2010) a teoria *queer* quer ir além da hipótese da construção social da identidade. Ela quer radicalizar a possibilidade do livre trânsito entre as fronteiras da identidade e a possibilidade de cruzamento das fronteiras.

De acordo com Miskolci (2009, p. 170)

A Teoria *Queer* desafia a Sociologia a não mais estudar apenas os que rompem as normas (o que redundaria nos limitados estudos de minorias), nem apenas os processos sociais que os criam como desviantes (o que a teoria da rotulação já fez com sucesso), antes focar nos processos normalizadores marcados pela produção simultânea do hegemônico e do subalterno.

Nesse sentido, Louro (2004) afirma que a educação heteronormativa – defendida pelos setores conservadores contra a inclusão do gênero e sexualidade nos currículos – possui sua ideologia: gênero como algo mistificado e

inquestionável que busca camuflar a diversidade em prol do binarismo da heterossexualidade compulsória. Esses setores ocultam sua ideologia de gênero através da expressão “ideologia de gênero” que desqualifica outras ideias mais próximas ao reconhecimento da diversidade e do caráter performativo dos gêneros inteligíveis.

A Teoria *queer* escapa de todos os enquadramentos do dualismo presente nas teorias que trabalham com a crítica da dominação, em vez de uma resposta apaziguadora se propõe a uma eterna busca:

Uma pedagogia e um currículo *queer* “falam” a todos e não se dirigem apenas aqueles ou aquelas que se reconhecem nessa posição de sujeito, isto, é como sujeitos *queer*. Uma tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férteis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência. (LOURO, 2004, p.52)

Conforme a citação acima devemos estar sempre buscando outras perspectivas, formulando outras perguntas, criando inquietações diante das certezas que fabricamos ao longo da nossa história.

Portanto, a Teoria *queer* não busca o método correto ou as perguntas certas, mas sim a possibilidade de questionar nossas práticas ou noções de normalidade e aceitação.

2.3 O CURRÍCULO E A TEORIA QUEER COMO UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL

A escola é uma das instituições em que, se querendo ou não, a sexualidade está presente, através de tecnologias do sexo os corpos dos estudantes podem ser controlados e administrados.

Louro (1999, p.25) afirma que a “escola é uma entre as múltiplas instâncias sociais que exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, colocando em ações várias tecnologias de governos”.

A escola enquanto espaço de reflexão dos acontecimentos precisa construir identidades para os tempos em que vivemos, calçadas no princípio de que os corpos são significados na e pela cultura, e por ela continuamente ressignificados.

Atualmente o currículo tem sido tradicionalmente concebido como um espaço onde se ensina a pensar, onde se transmite o pensamento, onde se aprende o raciocínio e a racionalidade.

Dessa maneira o currículo em parceria com a pedagogia *queer* funciona como um pilar para construção da relação do sujeito consigo mesmo, visando desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos, afirmando-a como algo ligado ao prazer e à vida, com isso propicia um aumento de controle e da possibilidade de intervenção sobre as ações dos indivíduos.

A discussão de gênero e sexualidade na escola trata-se de um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, pois exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais de educação.

Quando a questão da sexualidade é abordada como algo a ser esclarecido e estudado, tende a modificar a relação entre alunos com o tema surgindo a necessidade de discutir abertamente um assunto que causa ansiedade e desperta dúvidas.

O estudo da sexualidade envolve o crescimento global do indivíduo, tendo como objetivos a transmissão de informações de maneira verdadeira, a eliminação do preconceito e a atuação na área afetivo-emocional. Tornar o currículo *queer* implica em trabalhar com conhecimentos aos quais tem-se resistência a serem desenvolvidos, ou porque ousam questionar o “normal”.

Os estudos sobre sexualidade e gênero tornam-se essenciais no modo de como a identidade é (des)construída nos processos de escolarização. Nos estudos da pedagogia *queer*, o currículo não é mais um instrumento de transmissão de conhecimento, nem espaço de significação, mas é também um espaço de produção de identidades.

As identidades, sendo estruturalmente dilaceradas por diferenças de etnia, raça, gênero, classe, etc, não procuram resolver a sua coerência apenas pela afirmação de uma dessas determinações arvorando-se em critério identitário [...] as identidades são uma tarefa reflexiva em que as diferenças são vividas em espaços comuns sem nunca serem resolvidas, sempre abertas, entre o conflito e o consenso, assumindo a sua incompletude no diálogo e na gestão das contradições., e não a sua auto-suficiência [...] (MAGALHÃES,2001,p.329 apud PACHECO 2005,p.143)

Discutir as questões de gênero e sexualidade nas escolas, significa discutir relações das práticas educacionais cotidianas, desconstruindo e redescobrimo significados. Significa questionar conceitos pré-concebidos determinações que sutilmente permeiam nossas práticas. Discutir essa temática é antes de tudo remexer e ressignificar nossa própria história.

Para Foucault (2002) “[...] Na vida e no trabalho o mais importante é converter-se em algo que não era no início”. Essa citação traz o pensar sobre a necessidade de se criar espaços na formação de profissionais da educação que possibilitem reflexões que ninguém é sempre o mesmo, não se é sempre igual e, neste sentido, as práticas sociais e pedagógicas precisam ser revistas, questionadas, desestabilizadas para que outras formas de pensar e agir emergjam.

Um currículo e uma pedagogia *queer* estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, principalmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades.

Sendo assim, conforme explica Louro

A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, dos conflitos e das negociações constitutivas das posições que os sujeitos ocupam (LOURO, 2001).

Na perspectiva de uma pedagogia e de um currículo *queer*, não seria suficiente denunciar a negação e a subordinação dos homossexuais, e sim desconstruir a lógica pela qual alguns sujeitos são normalizados e outros marginalizados. Minar o processo de heteronormatividade significaria, em última instância, revelar a presença do “outro” na afirmação da identidade heterossexual e demonstrar a necessidade da contínua reiteração das normas para garantir a identidade sexual socialmente legitimada.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo desvelamos de maneira formal os métodos e as técnicas que utilizamos, indicando as conexões e a leitura operacional que fizemos do quadro teórico e dos objetivos de estudo, nesse contexto Alves-Mazzotti (2002, p.159) afirma:

O detalhamento dos procedimentos metodológicos, inclui a indicação e justificação do paradigma que orienta o estudo, as etapas de desenvolvimento da pesquisa, a descrição do contexto, o processo de seleção dos participantes, os procedimentos e os instrumentos de coleta e análise de dados.

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa se desenvolveu por meio da abordagem qualitativa, pois se propôs à atribuição de significados às informações obtidas, buscamos compreender e interpretar as informações levantadas.

A este respeito Minayo (2001, p.21) afirma:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos, e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa se caracterizou como uma pesquisa de campo onde foi ressaltada a integração entre os sujeitos, exigindo um encontro direto na realidade investigada, utilizamos técnicas de observação.

Gonsalves (2001, p.67) assim esclarece:

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Assim se fazem necessárias e imprescindíveis as idas efetivas ao espaço onde o fenômeno acontece sendo possível reunir o maior número de informações para documentação, facilitando assim o trabalho do pesquisador.

3.2 Campo e sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Zacarias de Góis, conhecida popularmente como Liceu Piauiense, inicialmente era localizada na cidade de Oeiras, a transferência para a cidade de Teresina aconteceu em 16 de agosto de 1852, na data de aniversário da nova capital.

A princípio a escola não tinha prédio fixo, e funcionava na rua Lizandro Nogueira, depois foi para o prédio do Arquivo Público do Estado, posteriormente mudou-se para o local onde hoje funciona o Luxor Hotel do Piauí. Saiu deste local e foi para o local onde hoje está instalada a Biblioteca Cromwell de Carvalho até chegar ao atual endereço na praça Ladri Sales, 1125- Centro, Teresina.

Dentre os alunos que passaram pelo Liceu podem ser identificados vários que tiveram destaque em áreas do conhecimento e profissional, fazendo com que o Liceu, além de referência em educação, se tornasse um celeiro da formação de representantes da elite política e dirigente de nosso estado, alguns alcançando, inclusive, reconhecimento nacional, dentre muitos, destacamos Wellington Dias, Freitas neto, Manoel Paulo Nunes, João Henrique Sousa, Sílvio Mendes, Wall Ferraz, Petrônio Portela e Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, que chegou a presidência da república.

Atualmente atende estudantes do ensino médio (1º, 2º e 3º anos) distribuídos em 15 turmas na modalidade de ensino em tempo integral. A escolha da presente escola para a pesquisa se deu ao fato da localização acessível, da tradição da escola por ser uma Escola Pública muito renomada e por termos acesso e contato com significativo número de alunos que se encaixam no perfil *queer*.

Os sujeitos dessa pesquisa foram 6 alunos com idades entre 15 e 18 anos, sendo três gays, uma lésbica, uma bissexual e um heterossexual e 3 professores, uma de Sociologia, um de Filosofia e uma de Educação Física ambos da referida escola.

Para a escolha dos sujeitos, usamos como critério a identificação dos pesquisados com o tema em questão, os alunos como já foi mencionado por se encaixarem no perfil *queer* e os professores por lecionarem disciplinas que

abordam essa temática com mais freqüência tanto em sala de aula como em espaços não-escolares.

Considerando a temática de orientação sexual no currículo da instituição que fez parte dessa pesquisa, verificamos se os professores se utilizam dessa ferramenta como um instrumento para contar a história social e cultural da humanidade, quais os procedimentos utilizados por eles em sala de aula para trabalhar a história e cultura *queer* de modo a minimizar a discriminação sexual ao mesmo tempo em que é apresentado aos alunos o pluralismo cultural que temos hoje resultante de todo um processo histórico.

Apesar de não ter havido resistência quanto a revelar os nomes, optamos pelo uso de codinomes, para preservação da identidade dos sujeitos. Dessa forma então escolhemos nomear os alunos de A, B, C, D, E e F, já os professores de professor de Sociologia, Filosofia e de Educação Física nas suas respectivas falas.

3.4 Instrumentos para produção de dados

A escolha dos instrumentos aconteceu atentando para a forma de abordagem da pesquisa, como as pesquisas qualitativas se caracterizam por utilizar uma grande variedade de procedimentos e instrumentos para coletas de dados, escolhemos adotar como técnicas a observação, a entrevista e o questionário.

Segundo Lakatos, Marconi (2010, p.205) “A observação utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”.

Ainda sobre esta técnica Chizzotti (2009, p.64) afirma que “A observação é uma técnica de estudo que permite captar a perspectiva dos sujeitos investigados, ou seja, seu modo de pensar e sentir, seus valores, sua visão de mundo”.

Através da observação foi possível registrar e acumular muitas informações, ajudando-nos na identificação e obtenção de informações a respeito

de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência. O registro das observações foram feitos através de anotações.

Outra técnica de pesquisa utilizada foi à entrevista semi-estruturada, tendo como instrumental um roteiro de perguntas abertas e aplicado a três professores lotados na escola pesquisada.

A entrevista semi-estruturada é aquela que basicamente,

[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo, espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo o investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa (TRIVIÑOS ,1987 p. 146).

Assim sendo, utilizamos um roteiro pré-definido, mas com a liberdade de colocar em pauta para os entrevistados outras questões que surgissem no decorrer da entrevista. Como afirmam Boni e Quaresma (2005, p.8):

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldade com ele.

Criou-se um ambiente de interação que permeou as entrevistas, uma espécie de atmosfera de influência entre quem pergunta e quem responde, proporcionando um clima de estímulo e de aceitação mútua, fazendo com que as informações fluíssem de maneira notável e autêntica, ganhando através do diálogo.

Para complementar utilizamos também o questionário por nos possibilitar uma análise estatística, deve ser usado como instrumento de coleta de dados a ser preenchido por determinados informantes.

Para Macêdo (2011, p.38) “as questões do questionário devem estar bem formuladas, elaboradas, dentro do que é esperado para cumprir os objetivos e responder às perguntas pertinentes a sua pesquisa.

Assim sendo para Lakatos, Marconi (2010, p.205) “o questionário é constituído por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”.

No capítulo seguinte, demonstraremos nossas análises dos dados produzidos na pesquisa.

4 ANALISANDO E DISCUTINDO OS DADOS

Neste capítulo serão apresentadas as análises dos dados coletados e produzidos no estudo, momento em que trazemos à tona o percurso e a dinâmica na qual nos assentamos para efetivar a organização destes dados e a conseqüente descrição e interpretação daquilo que entendemos como fundamental a partir dos objetivos da pesquisa.

Através da aplicação dos questionários aos alunos foi possível organizar a seguinte tabela:

Dados dos alunos					
Nome	Idade	Opção sexual	Já conhecia a teoria <i>queer</i>?	Já sofreu algum preconceito?Onde	É a favor da discussão de gênero e sexualidade na escola?
Aluno A	18 anos	Gay	Sim	Sim, na minha última escola	Sim
Aluno B	18 anos	Gay	Não	Sim, na escola (atual)	Sim
Aluna C	16 anos	Lésbica	Não	Sim, na minha casa	Sim
Aluna D	17 anos	Bissexual	Não	Não	Sim
Aluno E	16 anos	Gay	Não	Sim, no meu bairro	Sim
Aluna F	17 anos	Heterossexual	Não	Não	Sim

Tabela 01- Dados dos alunos

Fonte: Respostas fornecidas em questionários pelos alunos da escola 2018

Pesquisadora: Janaína Brito dos Santos

Diante da tabela acima é possível perceber que dentre os sujeitos da pesquisa, há uma diversidade sexual, sendo que a maioria se consideram gays, na faixa etária entre 16 a 18 anos, ou seja, na transição entre a adolescência e a

vida adulta, fase onde todos querem fazer novas descobertas, provar de outras sensações. Quanto ao conhecimento sobre a Teoria *Queer* somente o **aluno A** afirmou já ter ouvido algo talvez em virtude dessa temática não ser muito discutida nas escolas.

A esse respeito Louro (2000, p. 48) afirma que:

As escolas exercem grande influência na constituição moral dos indivíduos, repassando aos alunos os valores vigentes. Praticamente todas as escolas funcionam sob o clima ideológico do heterossexismo. Constatamos tal realidade já nos conteúdos dos materiais didáticos. A existência de casais fora do padrão da heterossexualidade é praticamente excluída dos livros escolares, fomentando assim uma valorização da heteronormatividade nas relações.

Outro fato a ser observado é que quatro dos seis alunos já sofreram algum tipo de preconceito dois deles em ambientes escolares e dois em ambientes familiares. Percebe-se nesses dados que na maioria das vezes o preconceito vem das pessoas que convivem com elas diariamente.

Dessa forma o ambiente hostil às diferenças sexuais força muitos alunos tanto a esconderem seus afetos, quanto a apontarem ou a negarem em si mesmo o que lhes é recusado pelos outros. Assim sendo, rir do outro passa a ser também uma forma de defesa. A escola passa a ser então um ambiente de medo, humilhação e coerção.

Manifestações da sexualidade associadas à agressividade são indicadores da necessidade de discutir abertamente esse assunto que causa ansiedade, desperta dúvidas e expressa uma nova vivência para eles, a do relacionamento sexual. Vergonhas, risos encabulados e principalmente a saída para a “gozação” são reações também muito comuns entre adolescentes, quando se coloca em pauta a questão sexual. Há ainda muitos que se calam, sentindo-se incapazes de expressar uma opinião a respeito dos assuntos relacionados à sexualidade. Isso acontece até com alunos que têm participação ativa nas aulas e na vida escolar de modo geral

Vale ressaltar que o apoio a abordagem sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas foi unânime, talvez devido ao tempo de permanência dos jovens na escola já que se trata de uma escola em tempo integral onde as

oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos são muito grandes nesse caso a escola constitui-se um lugar privilegiado para a abordagem desta temática, não podendo se omitir diante da importância dessas questões.

A temática de gênero e sexualidade está presente em todos os meios de comunicação, nas discussões sociais, nas músicas, nos filmes e nas relações familiares. Trata-se de um discurso amplo e subliminar que encerra elementos autoritários e estereotipados, revelando concepções errôneas, que vão permear a educação dos alunos, dos pais e dos educadores.

Conforme os PCNs as curiosidades dos jovens a respeito da sexualidade são muito significativas para a subjetividade, na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades acaba contribuindo para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não satisfação gera ansiedade, tensão e inibição da capacidade investigativa.

Sobre a formação da professora de Sociologia ela tem 36 anos é licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). No que diz respeito ao tempo de carreira em sala de aula, tem seis anos, é efetiva e ministra aulas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

O professor de Filosofia afirmou ter 53 anos, formação em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e atua em sala de aula a dezoito anos, atualmente lotado nas turmas de 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

Por sua vez a professora de Educação Física tem 38 anos, possui formação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) com nove anos em exercício de sala de aula atualmente leciona nas turmas de 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

Após a caracterização profissional dos professores foram lançadas as perguntas de nossas inquietações, seguindo um roteiro elaborado previamente. A primeira questão questiona o professor sobre a importância de se falar de gênero e sexualidade na escola.

Sobre essa questão **a professora de Sociologia** respondeu:

“A grande importância é que essa discussão na Educação Básica trabalha a questão do respeito, da tolerância, da aceitação da pessoa do jeito que ela é, pois o que importa é o que essa pessoa produz, não importa o que ela é sexualmente, que creio ela pertence, devemos nos basear na dignidade da pessoa respeitando os direitos humanos, quebrando o senso comum que muitas vezes diz que a questão da homossexualidade é uma questão de patologia, outro ponto também muito importante são as atuais nomenclaturas, afim de fazer uma nova construção baseada no respeito”.

Sobre essa mesma questão **o professor de Filosofia** diz:

“A primeira coisa é porque faz parte do ser humano, isso é algo indispensável e em uma sociedade plural como a nossa onde há uma sociedade sexista, machista e preconceituosa, a gente que almeja uma sociedade de iguais levando em consideração a índole de cada um, é necessário a informação na escola sobre essa questão da sexualidade,”

Por sua vez **a professora de Educação Física** afirmou que:

“A primeira coisa é porque o jovem da atualidade começa a vida sexual muito cedo e outro fato que vale ressaltar é que para muitos ser diferente hoje em dia é moda.”

Nessa primeira questão podemos observar a relevância desta temática para os professores entrevistados, pois os mesmos afirmam que essa temática desperta interesse, porém ao mesmo tempo gera inseguranças, medos trazem à tona “tabus” e preconceitos. A formação pessoal muitas vezes traz obstáculos a

serem ultrapassados quando se pretende trabalhar em uma perspectiva da educação para a sexualidade, que rompa com o discurso da naturalização por meio de explicações biológicas, essencialistas e dicotômicas.

A escola sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu currículo estará se habilitando a interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que é tão importante para a construção de sua identidade.

Seguindo para a segunda questão da entrevista com os professores, a qual versou sobre a dificuldade de falar ou não sobre a sexualidade na escola, expressando a opinião dos professores.

Sobre essa questão **a professora de Sociologia** nos diz:

“É difícil porque é um tabu, quando se fala em algo relacionado à sexualidade principalmente ao sexo em si, já se cria um tabu, porém nós tentamos abordar essa temática de forma sutil e de forma informativa”.

Em seguida **o professor de Filosofia** afirma que:

“É difícil porque a sociedade é machista, preconceituosa, e na escola hoje vive uma meninada do século XXI e nós somos do século XX e às vezes ainda com pensamentos do século XIX, que em nome de uma moralidade ultrapassada termina discriminando”.

Por fim **a professora de Educação Física** nos informa:

“É difícil porque hoje o conceito de sexualidade está distorcido na escola o professor passa um conceito, em casa os pais dão outra visão além do convívio com os amigos que acaba sendo onde eles se descobrem”.

Diante do exposto o que se percebe é que determinadas práticas culturais ensinam tipos de pensamentos e de ações em relação a si, aos outros e ao mundo não se limitam à instituição escolar nem à acadêmica, mas estendem-se a diferentes práticas como, por exemplo, as midiáticas, as escolares e as familiares.

Percebemos também que gênero e sexualidade assim como o corpo, parecem simplesmente terem sido colocados no currículo escolar como uma inscrição para determinada anatomia ou em uma interioridade psicológica inata, com uma identidade trazida da herança.

Quando a questão da sexualidade é tomada como algo sério a ser esclarecido, compreendido e estudado, tende a modificar a relação agitada dos adolescentes com o tema. Vão perdendo progressivamente sentido os desenhos de órgãos genitais e muitas vezes frases preconceituosas nas carteiras, paredes e banheiros da escola, como atitudes provocativas e exibicionistas da sensualidade exacerbada ou as tentativas de escandalizar os colegas.

Com relação a essa temática Foucault (1997, p.27) afirma que:

Cumprir falar de sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas administra-se.

Dando continuidade à entrevista a terceira questão foi assim enunciada: Comente se e como acontecem as discussões sobre gênero e sexualidade na escola?

Fazendo uso da palavra **a professora de Sociologia** afirma que:

“É discutido sim, inclusive eu abordo tanto em sala de aula em forma de debates para eles mesmos debaterem o assunto e conhecerem, coloco também filmes de histórias reais que aconteceram, trago alguns amigos que falam sobre o tema e que se englobam nesse público como por exemplo, homossexuais, transexuais, transgêneros, para que os alunos consigam entender todas essas diferenças, o interessante é

que após esse debates eles sempre trazem alguma inquietação, procuro falar também dos casos de evasão escolar que acontecem por conta de preconceito, de pessoas que são mortas simplesmente porque não é aceita pela sua opção sexual e no mês de setembro coloco a questão do suicídio, há também um projeto que sempre trabalhamos no segundo semestre chamado “Paz na escola” que a gente trata da questão da intolerância envolve questões da sexualidade, da religião onde outros professores agregam as suas disciplinas”.

O professor de Filosofia se colocou da seguinte forma:

“Nas aulas já fazem parte do livro didático, no nosso planejamento também, porém temos que trabalhar com bastante cuidado porque temos colegas que por ser questões relacionada a sexualidade eles interpretam do jeito que querem e acham que o professor não está dando a aula, nós temos um projeto “Curta Liceu em direitos humanos”, que também é um espaço de discutir a sexualidade até porque o Liceu é um espaço muito diverso, aqui nós temos alunos de cores diferentes credos diferentes, idades diferentes e condição sexual diferente, eles já se definem como Gays, lésbicas, bissexuais, Pan e esse trabalho que desenvolvemos em sala de aula juntamente com esse projeto é a fim de que todos se respeitem e que tornem o espaço da escola um espaço harmônico”.

A professora de Educação Física se expressa afirmando que:

“Os professores de Ciências Sociais trabalham através de debates e projetos, agora eu particularmente não sinto a necessidade de trabalhar essa temática sobre sexualidade, o que eu já trabalhei com eles foi à questão sobre os direitos das mulheres, feminicídio algo relacionado mais a questão de gênero mesmo”.

É possível analisar que a professora de Sociologia e o professor de Filosofia têm um olhar diferenciado para essas temáticas, isso talvez aconteça pelo fato de que para eles a reflexão filosófica inserida nos currículos das escolas poderia contribuir na aquisição de maior autonomia para compreender e criticar sentidos, conceitos e valores que possam nortear a prática das vivências singularizadas no mundo.

Nesse caso a postura dos educadores reflete os valores democráticos e pluralistas propostos e os objetivos gerais a serem alcançados. Os professores transmitem por sua conduta a valorização da equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente, ao orientar as discussões eles próprios respeitam a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo, garantem o respeito e a participação de todos, explicitando os preconceitos e trabalhando pela não-discriminação das pessoas. Para a construção dessa postura ética, o trabalho coletivo da equipe escolar em muito ajudará cada professor em particular nessa tarefa.

Na fala da professora de Educação Física há um tom de individualismo, talvez por acreditar que a sua disciplina não tem a mesma relevância que as outras para essa temática, o que é um grande engano, pois o professor de Educação Física é uma referência importante para seus alunos, sendo que a mesma propicia experiência de aprendizagem peculiar ao mobilizar os aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade de forma intensa e explícita, o que faz com que o professor de Educação Física tenha um conhecimento abrangente de seus alunos.

Conforme os PCNs as diferenças entre meninos e meninas são determinadas social e culturalmente, cabe ao professor intervir didaticamente propiciando experiências de respeito às diferenças e intercâmbio entre eles e elas.

No que tange à questão de gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias (BRASIL 2000, P.83).

Como última pergunta da entrevista foi solicitado aos entrevistados que os mesmos comentassem se a escola pública hoje estava preparada para trabalhar a temática de gênero e sexualidade.

A professora de Sociologia afirma que:

“Não, particularmente eu estou em um universo diferente, estou no Liceu uma escola que tem uma visão interdisciplinar, enquanto em outras escolas você é barrado na gestão então é assim o universo do Liceu é um universo diferente das escolas de bairros onde eu já trabalhei e tive a experiência de pais que chegaram pra mim e falaram: - Professora você está falando de sexualidade em sala de aula eu disse – sim, isso é tema está dentro do currículo e eu tenho que trabalhar, uma que a própria LDB diz que eu tenho que encaixar essa temática dentro da minha disciplina independente de ser um tema trabalhado na escola ou não, mesmo com uma gestão onde tentaram me barrar eu acabei trabalhando como uma forma de extensão, fizemos projetos e terminamos mostrando para a gestão que não tinha nada de mais, a não ser trabalhar a questão do respeito diminuindo assim os casos de evasão escolar, essa fobia, essa aversão a uma questão tão simples que a questão do respeito, que acaba se tornando algo complexo porque não desrespeito a mim, não desrespeito a você a partir do

momento que eu pratico o desrespeito é uma questão de homofobia, de transfobia, porque a pessoa é bissexual, transexual é uma coisa dela assim como eu sou hetero, ninguém se preocupa se saio de mãos dadas com o meu marido ou não, digamos por exemplo que o professor de Inglês saiu de mãos dadas com o namorado dele, ele não vai deixar de ser o professor de Inglês, então você tem que pensar na pessoa como profissional ou como pessoa e não na sua opção sexual”.

O professor de Filosofia assim se expressa:

“Não, até porque é preciso uma formação continuada outra coisa muito importante também é que a escola tem que se desligar dessa cultura machista, sexista e preconceituosa e isso se vai dar através de leituras, estudos e formação e nossos professores infelizmente não têm essa formação, entretanto a escola pública é o espaço para a ação educativa”.

Por sua vez **a professora de Educação Física** afirma que:

“Sim, pois os estudantes de Ensino médio possuem uma sede muito grande em descobrir as questões relacionadas à sexualidade”

Ficou evidente na fala dos dois primeiros professores que a escola pública hoje não está preparada para abordar essa temática talvez porque esteja fora das discussões pedagógicas e políticas, ou seja, não tem tido importância tais assuntos na formação inicial nem tão pouco na continuada.

É necessário que o educador tenha acesso a formação para tratar de sexualidade na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional consciente, os professores precisam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade em diferentes abordagens; preparar-se para intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimento a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada.

A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual, é necessário que os professores possam reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e que orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos seus, tal postura cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, à informação e o debate sem imposição de valores específicos.

Já para a professora de Educação Física, a escola pública está sim preparada para tratar dessa temática, pois segundo ela os alunos têm uma curiosidade muito grande, nesse caso a escola estaria preparada para receber os alunos não para abordar a temática.

Isso demonstra a necessidade constante de, enquanto educadores, estarmos nos aperfeiçoando para atender as exigências próprias da profissão de educar para a vida em sociedade, o que exige não só o conhecimento dos conteúdos mas, também, os temas transversais que na atualidade permeiam em sala de aula de forma significativa.

Feitas as análises das falas obtidas faremos, no capítulo seguinte, nossas considerações finais acerca da pesquisa desenvolvida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de desenvolvimento desta pesquisa buscamos investigar como a abordagem da temática sobre a teoria *queer* poderia ser utilizada a fim de contribuir com a aprendizagem dos alunos e ao mesmo tempo ser um instrumento importante para se trabalhar no combate e prevenção de atitudes preconceituosas no ambiente escolar e verificar como a sexualidade vêm sendo trabalhada na escola pesquisada.

Neste percurso o que pudemos observar é que a escola, a partir do entendimento dos professores sujeitos do estudo, aborda os diversos pontos de vistas, valores e crenças existentes na sociedade no intuito de auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência por meio da reflexão.

Foi possível identificar, também, que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite de ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento do aluno nem tampouco do professor, auxiliando dessa forma os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como vivência pessoal.

Vale ressaltar também que criar espaços para reflexão e debates dessas questões, sem personalizá-las pode ajudar os jovens a passar por essa fase de descobertas com menos angústias e turbulências e sem precisar transformar a sexualidade em expressão de rebeldia.

É possível induzirmos, assentados nos dados obtidos, que tanto os professores quanto as demais pessoas, mesmo sem perceberem transmitem valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, inclusive na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos.

Diante desse panorama, não se trata exatamente de pensar exclusivamente no fim de uma teoria que ainda faça referência às identidades de gênero e sexualidade historicamente produzidos, ou até mesmo na inclusão de outras espécies em nosso discurso ético, mas de projetar artifícios que promovam concretamente melhorias na vida de todas e todos capazes de experimentar uma vida com prazer e sem sofrimentos.

Nossa revisão teórica, nos permite o posicionamento a favor da concepção de que legitimar as desigualdades de gênero e sexualidade nas escolas através de discursos de ódio ou através do silenciamento fundamentados em um posicionamento fundamentalista e em outros regimes de normalização é o mesmo que educar para a barbárie.

É possível afirmar, a partir das concepções e entendimentos dos entrevistados na pesquisa, que a temática de sexualidade é imprescindível nas escolas, sem abrir mão dos saberes legitimados como formais nos currículos nem despir completamente os professores de suas especializações, mesmo porque isso descaracterizaria as escolas e os saberes pedagógicos engendrados através delas.

Acerca da problemática central da pesquisa, identificar como são abordados, no currículo da escola pública de Teresina Liceu Piauiense, questões referentes à Teoria *queer*, muito embora somente os alunos tenham respondido diretamente a esta questão, a pesquisa nos levou a identificar aspectos diversos sobre como se percebe a questão. Primeiramente, os alunos demonstraram, quase em sua totalidade, a não abordagem desta teoria na escola. Já em relação aos professores, muito embora não tenham respondido diretamente sobre a teoria *queer*, evidencia-se que, abordar aspectos relacionados a diferenças e diversidades em torno da sexualidade e gênero, ainda se trata que uma temática tabu, pouco explorada de forma adequada e que ainda carece de formação condizente para que venha se constituir em temática abordada a contento e de acordo com o que os/as teóricos/as que se debruçam sobre estas questões têm discutido e proposto.

O caminhar de toda essa pesquisa, a oportunidade que tivemos de debruçar sobre essa temática veio reafirmar que os sujeitos não precisam ser definidos como homens ou mulheres, porém sabemos que seja por relatos que ouvimos/lemos, ou seja, por vivência própria, nossas diferenças são trazidas em hierarquias morais que distribuem liberdades e oportunidades diferenciadas.

Acreditamos que temos muito pelo que lutar, que precisamos mais do que nunca refletir sobre as concepções teóricas e políticas que norteiam nossas pesquisas e práticas pedagógicas, bem como, que precisamos problematizar nossas fobias para desconstruir aquilo que produz nossos medos e nos normaliza.

Esperamos que essa pesquisa possa ajudar educadores e estudiosos de sexualidade e gênero a valorizar pedagogicamente essa temática, e que possamos despertar certamente a contribuição efetiva e significativa que essa temática tem para aprendizagem integral dos alunos.

6 REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** 3 reimp. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

BERALDO, Flávia Nunes de Moraes. **Sexualidade e escola: um espaço de intervenção.** Psicologia escolar educacional. Vol.7. Campinas, 2003.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silva Jurema. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais.** Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol.2 n. 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais.** Brasília: MEC, 1998.

CAMARÃO, Virna do Carmo. **Política, planejamento e gestão educacional.**(SEAD/UECE).2010

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.**11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DESLANDES, Suely. F, MINAYO Cecília de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 32.ed. Petrópolis- RJ:Vozes, 2012.

DINIZ, Nilson Fernandes. **Por uma pedagogia queer.** Minerarius Reflectionis. V.2.n.2.Goiás.2013.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber.** 12. Ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FREIRE, Paulo. In: **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed- 12 reimp. São Paulo: Atlas, 2009.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** Campinas- SP: Alinea, 2001. In:PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional.** São Paulo: UNESPI, 2009.

HORNBURG, N, SILVA, R, da. **Teorias sobre o currículo: uma análise para compreensão e mudança.** Revista de divulgação técnico científico do ICPG. vol.3.n.10, 2007.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Metodologia Científica**. 5.ed-5.reimp. São Paulo: Atlas, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Um corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: **Revista Estudos Feministas**. V.9 n.2 Florianópolis: IFCH, 2001.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACÊDO, Francisco Cristiano da S. **Guia prático para elaboração de trabalhos científicos**. Teresina: Ipanema, 2011.

MISKOLCI, R. **A Teoria Queer e a Sociologia**: O Desafio de Uma Analítica da Normatização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan /jun 2009, p 150-182

PACHECO, José Augusto. **Escritos curriculares**. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades Terminais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3.ed.- 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Caro aluno sou estudante do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) Estou realizando uma pesquisa de campo abordando o **Currículo e a Teoria Queer** como um aprendizado através das diferenças, sendo a pesquisa de campo requisito para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Solicito assim sua colaboração respondendo às questões abaixo que muito contribuirão para alcançarmos os objetivos desse trabalho. Será assegurado sigilo total à sua identidade e, caso decida a qualquer momento desistir de participar, sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A pesquisa não acarreta nenhum ônus, nem pagamento de qualquer natureza ou valor, sendo totalmente voluntária sua participação.

Muito grata por sua colaboração!

Nome: _____

Idade _____

Com relação a sexualidade você se considera:

() gay () lésbica () heterossexual () bissexual
() transexual () outros

A sua sexualidade está definida?

() sim () não

Você já presenciou algum tipo de preconceito relacionado à sexualidade? Onde?

() sim _____

() não

E você já sofreu algum tipo de preconceito?

() sim

() não

Você acha que a impunidade favorece esse tipo de preconceito?

() sim

() não

Para você a discussão nas escolas sobre gênero e sexualidade diminuiria esses casos de violência e preconceito?

() sim

() não

APÊNDICE B- ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA OS PROFESSORES

1- Porque é importante falar de gênero e sexualidade na escola?

2- Para você é difícil ou não falar de sexualidade nas escolas? Expresse sua opinião.

3- Comente se e como acontecem as discussões sobre gênero e sexualidade na presente escola?

4- Para você a escola pública hoje, está preparada para tratar deste assunto? Explique.